PROVÍNCIA FLUMINIS GRANDIS

Guarino Alves

At Grandis Fluvii vagus accola Strutio, talis Ambulat fevvi pabula salsa putat.

C. BARLAEVS

Há quarenta e sete anos vi pela primeira vez uma ema, no zoológico de João Pessoa. Não imaginava, nas minhas oito primaveras, que haveria de tecer, na virada de meio século, estes comentários sobre a ave gigante. Rodolfo von Ihering (**Dicionário dos animais do Brasil**) regista duas espécies. Na Patagônia corre a **Rhea darwini**, e desde a Argentina setentrional até o nosso Maranhão a **Rhea americana.** Ave gregária, diz ele, vive "em bandos de algumas dezenas e até 50 ou mais indivíduos". É preciso salientar que Olivério Pinto (**Catálogo das aves do Brasil**) desce a interessantes pormenores, afirmando que entre a Bahia e o Maranhão domina a americana, e em Goiás, Minas, Mato Grosso, S. Paulo, Rio Grande do Sul e Uruguai uma espécie intermédia. Esclarece mais: da Argentina à Patagônia, inclusive no sul da Bolívia e sudoeste de Mato Grosso a espécie predominante é a **americana albescens.** Darwini e D'Orbigny classificam de **Pterocnemia pennata** a uma espécie pequèna, de canela emplumada, habitando a Patagônia, segundo Ihering, e de acordo com os citados cientistas, também a Argentina, Bolívia e Paraguai.

Problema ainda não de todo resolvido é o da origem do nome vulgar — EMA. Certamente, européia. Haja vista a maneira como escreveu Gabriel Soares de Sousa, com **m** dúplice — EMMA — , que outros cronistas portugueses modificam, antepondo-lhe um **h** — HEMMA — empregado na Alemanha como antropônimo, significando grandeza e poder. Atente-se para o que disse o sertanista baiano:

"Criam-se nestes mattos emmas muito grandes, a que o gentio chamma nhandu, as quaes se criam pela terra dentro em campinas, e são tamanhas como as da África, e eu vi um quarto de uma depenada, tamanho de um carneiro grande. São estas aves brancas, outras cinzentas, e outras malhadas de preto, as quaes têm as pennas muito grandes, **mas não têm nellas tanta pennugem como as da Allemanha.**"

Suponho que os criadores alemães designavam o avestruz africano de "hemma", o **Struthius camelus,** com espécie correspondente na **Strutia rhea,** vertebrado aéreo, **Ratitae,** da ordem dos corredores. Curioso é que, o Pe. Aires do Casal, consigna em Tupi, **e'ina,** e no idioma Guaicuru, **apacanigo.** Parece-me que o primeiro exemplo seria apenas uma assimilação de **ema,** e o último quiçá proveniente do Tapúio ou língua travada, visto que também existiu a forma **mocraré-craú** para o pássaro. Barlaeus (**Vocabula chilensia,** p. 288, 1a. Ed., de sua obra sobre os holandeses no Brasil) insere palavras portuguesas assimiladas pelo silvícola do Chile. Por exemplo: "cavallô", de **Equus;** "Unino", de **Vinum;** "Vela", **Vela;** "Penem", **Penis;** e "Emma", equivalente ao nosso advérbio **Sim.** Gonçalves Dias menciona fato idêntico entre os amerígenas do Nordeste brasileiro. O **e'ina** do padre, repito, talvez proceda de **ema.** No próprio idioma português colonial há mudanças fonográficas para nomes de animais e pássaros. É o caso de "Seri-ema". Paulino Nogueira era de parecer que ele vinha de "Semi-ema" ou meia-ema. A verdade deve ser esta, e não segundo a proposição de Azara — **sariema,** nome tupi. Semi-ema proporcionou: "siriema", "seriema" e "sariema", mas o ponto fundamental é a aparência desse pernilongo com a ema e que tem debaixo das asas esporões para estimular a carreira.

2 — O Brazão holandês do Rio Grande do Norte

À época do domínio flamengo, a ema perambulava desde os sertões ao litoral. Com toda a certeza nas várzeas do Potengi, do Jacú, do Trairi e do Curematáu, precisamente o **ecúmene** da Capitania, e inclusive nas caatingas de Lajes e de Baixa Verde. Não se pode impor-lhe um **habitat** geométrico. Bem cedo chamaria a atenção de Maurício de Nassau-Siegen, e ilustrando mesmo o precioso mapa de George Marcgrav — **Brasiliae Geographicae** — onde ela aparece, graças à arte encantadora de Frans Post, sob um baldaquim de laranjeira, na companhia de porcos selvagens, cabras, uma serpente, uma aranha e um inseto, quiçá o "Põe-mesa" ou "Louva-a-Deus".

Acedendo ao pedido das Câmaras de Justiça, sobre a necessidade de se fazer sinetes para a selagem de papéis oficiais, escreveu Maurício uma carta ao Conselho dos XIX, nesse sentido, remetendo os desenhos pelos quais se confeccionariam os brasões, tendo especialmente o cuidado de ressaltar o do Supremo Conselho, que tinha por cima do coroamento as armas dos Estados Gerais, e também o do Colégio dos Conselheiros Políticos — Conselho de Justiça — sendo que o primeiro estava guarnecido de grinalda de flores de laranjeira, e o derradeiro tinha as armas das capitanias, com uma jovem segurando a espada e a balança, símbolo da justiça e do comércio.

Os emblemas que hoje se conhecem, sobretudo os das Províncias e Distritos, matizados a aquarela, pertencem à primeira edição da obra de Gaspar van Baerle, mas existem outros, um tanto diferentes, oriundos da Coleção de selos e medalhas, inédita, de Gerard Schaep. Influíram na concepção emblemática do próprio Nassau a paisagem, alguns produtos da terra conquistada, e a fauna. Por exemplo: os montes arredondados, o gado cavalar, o peixe, a uva, o açúcar, a ema e o **sol lucet omnibus** de Sergipe. Examinem-se os emblemas reproduzidos por Balaeus:

Pernambuco, em campo azul, com uma jovem vestida de branco, segurando com a mão direita uma cana-de-açúcar, e com a esquerda um espelho. Sobreposta ao escudo brilha uma estrela de prata.

Recife, em campo prateado, com um parcel negro, em faixa, sobre ondas azuis. Em cima a coroa, com o mote **Inconcussum.**

Porto Calvo, em campo prateado, com três montes negros, em faixa, a coroa mural e o mote **Portus calvus.**

Itamaracá, em campo azul, com três cachos de uvas prateados, em triângulo (roquete) e uma coroa. Mote, **Sicut nectar.**

Igaraçu, em campo negro, com três aratus de ouro, em roquete, e a coroa mural.

Serinhaém, em campo escarlate, com um cavalo de prata e a coroa. Mote, **Celeriter.**

Paraíba, de goles, com seis pães-de-açúcar prateados, a estrela mural e o mote **Utile dulci.**

Sergipe, em campo azul, com um sol de oiro sobreposto ao escudo, e na base três coroas doiradas, principescas, com uma estrela de prata e o mote **Sol lucet omnibus.**

Alagoas, em campo verde, com duas taínhas de prata entrecruzadas (em pala) e a estrela mural.

Rio Grande do Norte, em campo azul, com uma ema ao natural, à margem de um rio de prata, em faixa, tendo em cima a estrela e em baixo o mote **Velociter.**

Este escudo da capitania potiguar foi interpretado por Barlaeus, assim:

> **Provincia Fluminis Grandis cognomine fluvio gaudebet, cujos ripam in imagine premebat Struthius, quarum avium maxima hic frequentia.**

Isto é, a Província do Rio Grande tinha por brasão um rio, sem dúvida o Potengi, em cuja margem figurava uma avestruz, pássaro muito abundante naquelas paragens. Seguem-se com a mesma interpretação: a) Southey, **uma ema ao Rio Grande, onde abundam estas aves;** b) Saint-Adolphe, **uma ema, espécie de avestruz que os Índios chamavam nhandu-guaçu, por isso que eram abundantes naqueles despovoados;** c) Varnhagen, **as campinas do Rio Grande do Norte simbolizadas por uma ema.** Fica assim esclarecido o mote do escudo — VELOCITER, a meu ver reproduzindo os atributos locomotores do pássaro, do mesmo modo que CELERITER exprime a ligeireza do cavalo de Serinhaém.

A carta de 6 de outubro de 1638, do Conselho Supremo do Brasil, dirigida aos diretores da Geoctroyerd Westindiche Companie, com os desenhos dos brasões, é um comprovante do asserto de Barlaeus, quanto à interpretação da Ema do Rio Grande. Vejamo-la, em tradução do holandês, por José Higino:

> "Tendo-nos pedido as Câmaras de justiça que lhe fizéssemos a honra de conceder armas com que selassem os seus papéis, rogamos a S. Exa. que inventasse armas que tivesse analogia com a situa-

ção de cada capitania e significasse alguma de suas qualidades.

S.Exa. imaginou primeiramente as armas de cada uma das quatro capitanias e as pôs em um escudo para serem as armas do governo supremo do Brasil, tendo por cima do coroamento as armas dos senhores Estados-Gerais a que se prende o distintivo da Companhia das Índias Ocidentais, cercadas por uma grinalda de flores ou folhas de laranjeira (**oragien crans**).

Pôs também em um escudo as armas do colégio dos Conselheiros políticos ou conselho de justiça que são as mesmas armas das quatro capitanias, tendo por cima uma donzela com a espada e a balança, emblema da justiça.

A capitania de Pernambuco é representada por uma donzela que contempla admirada a sua beleza em um espelho, o que expressa a amenidade da terra e a situação e o nome de sua capital **Olinda**, e tem nas mãos uma cana de açúcar.

As outras jurisdições ou distritos de Pernambuco, como Igaraçu, Serinhaém, Porto-Calvo e Alagoas, têm também as suas armas.

A capitania de Itamaracá é representada por um cacho de uvas, pois essa ilha dá as melhores uvas do Brasil.

A Paraíba tem o seu emblema em seis pães de açúcar pelos belos açúcares que dá, ou porque, depois da conquista, foi aí que floresceram os primeiros engenhos sob o nosso governo.

Representa o Rio-Grande um rio com uma avestruz, **pássaro que há aí em quantidade.**

VV. SS. examinem essas armas, e se elas agradarem, queiram mandar abrí-las em prata em pon-

> to um pouco menor do que o desenho e nô-las enviem. Não convém que sejam abertas em ferro, aço ou cobre, porque a ferrugem logo as estragaria."

Os diretores responderam por carta de 28 de janeiro de 1639 que os brasões ou sinetes seriam enviados com pequena alteração, e com data de 30 de junho temos a da remessa do material:

"A esta acompanham as armas abertas em prata, a saber, o grande selo do governo supremo do Brasil, o selo da Justiça do Brasil, item da capitania de Pernambuco, item da capitania de Itamaracá, item da capitania da Paraíba, item da capitania do Rio-Grande, item da Câmara de Igaraçú, item da Câmara de Serinhaém, item da Câmara de Porto-Calvo, item da Câmara de Alagoas.

Enviamos também os cunhos em dez caixinhas e uma porção de cera encarnada."

Consta em relatório de 2 de março de 1640, assinado por **J. Maurice,** Conde de Nassau, **M. van Ceuleun** e **Johan Gysseling,** aos mesmos diretores: "Os sinetes que VV. SS. nos enviaram foram remetidos aos respectivos escabinos, que se confessam muito agradecidos."

3. — As emas de Gedeon Morris de Jonge

Ninguém ignora que o pássaro gigante costumava descer os rios até as praias à procura do âmbar. Corriam pelas campinas e tabuleiros de Areia Branca, do Açu e de Guamoré, paragens onde se demoraram Gedeon Morris de Jonge e Albert Smient, explorando ou dirigindo o negócio do sal. Morris, em relatório do rio Açu, ao Conselho do Recife, de 14 de fevereiro de 1641, dava notícia das salinas e das caças do Mossoró ou Apodi:

"Também esse rio se recomenda pelas suas boas pescas; e nele abundam os porcos selvagens, os veados e as **avestruzes**; o que será um grande suprimento para a alimentação dos que se empregarem no trabalho das salinas."

Impelem-me portanto as exigências do raciocínio a incluir a **Struthia rhea** no rol de aves catalogadas pela curiosidade flamenga antes mesmo da confecção do escudo d'armas riograndense. João Maurício, além de possuir jardim zoológico no Recife, viajou a cavalo pelo interior de muitas capita-

nias. Saliente-se, aqui, a viagem de 1638, do Recife (**Maurícea**) a Paraíba (**Frederika**) e a Natal (**Amsterdam**), acompanhado do exímio pintor Franz Post. O percurso e o tempo gasto nessas andanças teriam permitido ver de perto ou de longe, em currais ou no campo largo, a **Rhea americana**. Em Natal, o pintor pôde fixar na tela o Castelo **Keuleun**, encimado pelo vulto da Ema. Com referência ao Jardim Zoológico já escrevia Frei Manuel Calado, dizendo que o Conde enriquecera-o com "todas as castas de aves, e animais que pôde achar, e como os moradores da terra lhe conheciam a condição e o apetite, cada um lhe trazia a ave, ou animal esquisito que podia achar no sertão." O frade não incluiu na sua lista a ema, porém acentuou que "não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse, porque os moradores lhe mandavam de boa vontade." E não era a ema um pássaro de porte singular?

Veja-se a pesquisa feita pelo médico de Maurício, o naturalista Guilherme Piso (**Willien Pies**). Pesquisa, aliás, do inteiro conhecimento do Conde, em Pernambuco. Piso, em seus estudos anatômicos de animais americanos — aquáticos, voláteis e terrestres — incluiu a ema, fazendo observações muito interessantes. Seguem-se, aqui, resumidos em oito itens, os principais pontos de vista do sábio:

1. A ema "tem a mesma conformação e índole das africanas. Gostam de engolir ferro e pedras e expelem-nos não digeridos e inteiros pelo ânus."

2. Os "pés possuem três dedos recurvos na parte posterior, e um anterior grosso; por isso, dificilmente podem estas aves andar na praia lisa ou num assoalho."

3. O "pescoço é encurvado como o cisne; a cabeça, anserina; os olhos, belos e negros; o bico achatado."

4. As "asas são pequenas, impróprias para o vôo; uma delas, quando erguida e estendida, à maneira de vela, favorece a velocidade da carreira; e assim, não só escapam aos cães de caça, mas o que é admirável de ver nestas aves matreiras, abrindo ora uma ora outra asa, dirigem a carreira tanto para a direita como para a esquerda, de tal sorte que são peritas em evitar as flechas dos bárbaros."

5. São "cobertas de penas cinzentas por todo o corpo, como o grou; no dorso, mais longas e bonitas. Não têm tufos na cauda, como

vulgarmente se pintam as africanas. As plumas espalham-se pelo corpo até o ânus, porém um tanto mais feias e menos elegantes."

6. Põe "ovos como as outras avestruzes, todavia menores; chocam-nos na areia, e os machos incubam-nos zelosamente."

7. São "muito lascívas, vibram o pênis, um tanto adunco, muitas vezes, até que, encontrada a fêmea, a cobrem rigidissimamente e mantém-na imóvel debaixo dele, por muito tempo."

8. Alimentam-se "de carne e dos melhores frutos, bem como de peixinhos que se aproximam da margem; não poupam o próprio âmbar cinzento, se puderem consegui-lo junto às praias."

Eis a Ema estudada pelo holandês. De alguns cronistas, há relatos não menos importantes. Por exemplo: diz Gandávo que ela "**tem as pernas tam grande que sam quasi até os encontros das asas da altura de um homem**". A acreditar em Gabriel Soares de Sousa, as da Bahia "são tamanhas como as da África." Provavelmente, Piso examinara a de porte pequeno, a mesma mencionada por Frei Cristóvão de Lisboa, no Maranhão: "**yandu quer dizer um pasoro o mais grãode desta tera mas não ção tamanhos que as de afrequa**". Frei Vicente do Salvador repete a opinião de Gabriel Soares: "emas tão grandes como as da África, umas brancas, outras malhadas de negro que, sem voarem do chão, com uma asa levantada ao alto ao modo de vela latina, correm com o vento como caravelas, e contudo as tomam os índios a cosso nas campinas." No mapa de George Marcgrav, ilustrado por Frans Post, aparecem emas enormes, atacadas por silvícolas armados de arco. Barlaeus, talvez baseado na pesquisa de Piso, salienta: "**Strutionem, Americanum, Africano minorem**".

Era muito desejada tanto pelo silvícola como pelo europeu, para alimentação e o aproveitamento de suas plumas. De acordo com Guilherme Piso, a "carne é bastante estimada e sólida, êmula da dos nossos cisnes e patos, por isso é procurada como alimento pelos habitantes." Gabriel Soares, por seu turno, afirma que a carne era dura, "mas muito gostosa." Frei Cristóvão pormenoriza: "cabeça e pernas são mui moles." Este mesmo frade, referindo o ovo, acrescenta que as emas maranhenses "**ção todas pardas e crião os filhos em as campinas no chão e põem mùito grãode camtidade de ovos e algumas fazem coremta ou simquoenta ovos que sam munto de comer que quamdo hû omem come dous não pode mais comer e comem ce pouquas a clara tira azul**", etc. A importância da Ema vai mais

além. É motivo de etnografia, de botânica, de petrografia, de toponímia, de folclore e medicina, de enfeites e de artefatos. Influenciou na economia dos Estados Nordestinos, pela exportação da pluma, e foi criada em currais na defesa contra as pragas dos insetos e dos ofídios venenosos. Consagrada no Rio Grande do Norte, como símbolo político, no domínio holandês, também aparece, hoje, no escudo de Mossoró, ao natural, confronte a uma carnaubeira, duas pirâmides de sal e um sol nascente: 30 de setembro de 1883.

4. — O antropônimo Nhanduí

No Rio Grande do Norte, a NHANDU-GUAÇU dos tupis atende, entre os sertanejos, pelo apelido de "Capelão", dado ao indivíduo macho. Na Paraíba, é "Putirão". A meu ver, eles exprimem esperteza ou malícia. O mesmo que "macaco velho", que não mete mão em cambuca, para o primeiro, e uma espécie de pato difícil de ser caçado, para o último. Com efeito, caçar a ema é a coisa mais problemática do mundo. Do tupi **nhandu** provém o antropónimo **nhanduí** pelo qual era conhecido, no domínio holandês, o chefe dos tapúios Tarairiú. Deixa ver Johan Nieuhof que o Nhanduí governava também uma parte dos Caririú, cabilda do Caracará ou Gavião, citado por Resenlaer como sendo filho do primeiro. Os súditos de Nhanduí, nômades no verão e sedentários no inverno, por isso mudavam freqüentemente de lugar, habitavam ao poente da sede da capitania potiguar. Carlos Studart Filho, recordando Elias Herkmann, que divide os Cariris em "caryrys-jous", "carirys-vasys" e "tarairijus", diz que muitas dessas tribos "tinham conforme é sabido, dois ou mais nomes e estes, por vezes, sobrevieram concomitantemente, e chegaram aos dias atuais, dando a falsa impressão de uma pluralidade de tribos, em verdade, inexistente. Um era a alcunha, sempre pejorativa, que lhe impunham os vizinhos ou inimigos; e outra, o termo de que se serviam os membros do clã para o designarem. Assim, por exemplo, possuíam nomes diversos em língua tupi e em língua cariri duas das cinco nações que Laet, em seu livro, diz serem aliados do cacique **Jandoim**. Eram eles os **Arikeumes** e os **Cariris-jous** chamados, em cariri, respectivamente, **Acikis** e **Ociennencious**." Mas estas grafias ainda não devem ser as verdadeiras; principalmente a última, escrita em francês. De acordo com Nieuhof, os tapúios que "viviam nos limites extremos de Pernambuco chamavam-se **Cariris** e eram governados pelo rei **Ceriou Keiou**." Corrobora a divisão política de Herckmann, mas com o

acréscimo dessa cabilda. Assim, a de Pernambuco tinha por chefe o Keiou; a dos Cariri-guaçu, o Carapoto; e as dos Cariri e Tarairiu, respectivamente: Caracará e Nhanduí.

Havia outras tribos, quase incógnitas, cujos cabeças se chamavam Prityaba, Arigpaygh, Wanassewajug, Tsering e Deremenge, segundo o testemunho de Nieuhof. Estes nomes, viciados pela necessidade do idioma holandês – glotologia, dificultam traduções corretas. O Prityaba, talvez composto de **parati**, mandióca, e **aba**, emplumado; arigpaygh lembra **ayria**, avô, e **payg**, pai; e Wanassewajug é o pássaro "guanacé", mais o aumentativo **guaçu**. Todas essas cabildas se espalhavam desde o Rio Grande até Pernambuco, porém à época dos batavos, houve intercâmbio com os tapúios do Ceará. Barlaeus, mal informado, estendeu o domínio de Nhanduí até o Maranhão: **Ili notiores nobis qvi proxima fluminis Grandis & Siarae ac Maragnanan accolunt, ubi Iandovius, sive Ioannes V imperat.** Examine-se o vocábulo tupi que determinou a cabilda de Nhanduí. Consoante Barlaeus, os Tarairiu habitavam o interior do Rio Grande: **Tajurarum gens a mediterraneis in Provinciam Fluminis Grandis proficisci assolet.**" O termo **TARAIRIÚ** tem correlação com **TARAIRA** e este por sua vez muito cedo transformou-se em **TRAIRI**, aplicado a dois rios, um no Rio Grande do Norte, em 6º S e o outro no Ceará, em 3º S.

Portugueses e holandeses registam o rio potiguar de diversas maneiras. Resenlaer escreveu: **Tagerych**; Marcgrav, **Tareiri**; e Baro, **Areytich.** Estes exemplos gráficos já por si mostram como são inseguros os nomes de régulos e de tribos. na **Relação das cousas do Rio Grande**, 1608, publicada pelo Pe. Serafim Leite, **S. J.**, está escrito: **Taraire**. Estas modulações designam mais propriamente um peixe, a "traíra", de água doce. O peixe deu nome ao rio. Gabriel Soares, por exemplo, cita um **tareyra**, igual a "traíra", esclarecendo que se trata de um **pescado cómo el Muxil algo mayor, negro y de muchas espiñas: pescanse a Cana en los Ríos de agua dulce, y no tienen escamas.** Nos **Diálogos** das grandezas do Brasil regista-se um pormenor para a taraira: além de ser muito espinhosa, **cria dentro da cabeça uns bichos**. A propósito de parasitos, convém consultar a tese de Melquíades Pinto Paiva, do Departamento de Engenharia de Pesca do Ceará. Os bichos acima citados seriam um **acantocéfalo** mas pelo que sei, se localiza no intestino. O termo **taraíra** e suas variantes são comuns a outros Estados. No Ceará as grafias mais antigas para o rio Trairri são estas: **taraí**, 1612; **taraire**, 1628; **tarairi**, 1629. Compulsando uma das mais interessantes contribuições ao estudo da toponímia seiscentista do Rio Grande do

Norte, o **Treslado do Auto** de repartição das terras, de 1614, encontrei estas grafias do nome Trairi:

DATAS DE TERRAS	CONCESSÕES	TOPÔNIMOS
No. 90	02.11.1606	Tarayra
No. 110	20.11.1607	Atarayra
No. 118	25.07.1607	Tarayre
No. 147	10.03.1610	Tarairi

É impossível afirmar se as diferentes modulações gráficas procedem do próprio Escrivão da Fazenda, Alfândega e Almoxarifado da Capitania, que as trasladou do livro **antiguo** de datas de sesmarias. A correta é **TARAÍRA**. A outra, **TARAIRI** demonstra por si só um começo de corrução e dará o termo **TRAIRI**, proveniente, entretanto, de **TARAÍRA-I**. Esta forma contrata — **trairi**, significa o "pequeno Trairi", não sei se em relação ao peixe, ou se refere a extensão do rio: **t(a)rair(a)i**. Exemplo ilustrativo pode ser encontrado em Goiás: o rio **Taraíra**, tributário do Apopari, ao norte de Vila Bittencourt, fronteira com a Colômbia. Há muitos desses topônimos pelo país a fora, porém transformados em "trairi". Conforme explica Melquíades Pinto Paiva, a "traíra". **Hoplias malabaricus**, (Bloch), é um peixe neotrópico, de grande distribuição geográfica, ocorrendo em quase todas as bacias hidrográficas da América do Sul, com exclusão da área transandina e dos rios da Patagônia (Fowler, 1950: 362-364). Existe em todos os sistemas hidrográficos do Brasil (Leitão, 1947: 458)." Voltando ao ponto de partida, direi que o termo **TARAIRIÚ** pelo qual atendia a Cabilda de Nhanduí vincula-se a este processo: **taraíra**, peixe, e **ju**, espinho. O caso é que **TARAIRA-JU** transformou-se em **TARAIRI-JU**, ortografia, aliás, aplicada por Herkmann. Por conseguinte, como diria o hábil Carlos Studart Filho, temos, aqui, uma alcunha perjorativa. A tradução, literal, de **tarairiú**, desinência em **ju**, é "espinho de traíra".

Observe-se agora o vocábulo tupi **NHANDU**, do qual procede o antropônimo Nhandu-í. Designava tanto a aranha como a ema. Antes, porém, veja-se como realmente se chamava o régulo cariri. Maurício de Nassau grafou **Jan de Wy**, isto é, "João de Wy". Por seu turno. Barlaeus escreveu **Jandovius** em latim, e **Johan de Wy** em holandês. Em Jadocus,

Jan Duwy. Em Watjen, **Jandubi**. No Atlas de J. Teixeira Albernaz, regista-se o lugar **Anduí**, provavelmente, corrução de nhanduí, no Rio Grande do Norte.

Admitem-se duas traduções para **nhandu-í**: ema pequena e aranha pequena. Guilherme Piso menciona três espécies de aranha, duas das quais com nomes idênticos. A mais importante é a caranguejeira, revestida de pelos flexíveis, que o silvícola chama de **nhanduguaçu**. A segunda, menor, de corpo e pernas pilosos chama-se **nhandiú I**, e com nome idêntico se designa a terceira, **nhandiú II**, em cujo dorso figura um rosto humano.

Gabriel Soares cita a caranguejeira: **llaman nhanduasu que son mayores que los Cangrejos, muy belludas y pinzonozas las cuales acometen a la gente a saltos, y tiene dientes tan grandes como los ratones, y su mordedura es muy peligrosa, criandose en palos podridos y en las casas biejas.** Ainda hoje, nos pântanos de Goiás, existe esse tipo de aranha grande, de dentes aguçados, que ataca ofídios.

Quanto à espécie de Piso: **nhandiú I**, esta deve ser a mesma **nhanduí**, acerca da qual escreveu Soares: "os índios chamam nhanduí, que são acostumadas em toda a parte de que se criam tantas no Brasil, com a umidade da terra, que, se não limpam as casas muitas vezes, não há quem se defenda delas."

A **nhanduí II**, já não é a de Soares. É arborícola e tece teias. Tem, com efeito, no dorso, um rosto humano. Gonçalves Dias refere a **Nhandiaí** ou Jundiaí, **pequena e branca, — mata a planta em que assenta a teia**. A propósito, leia-se o poeta Juvenal Galeno: "Si a branca Junduí agasalhado/ Deu acaso à folhinha d'uma ateira,/O seu galho a rejeita. . . " Em Assunção, Paraguai, habita a **nhanduti**. Roquete Pinto elogiando a perfeição de uma renda feita pelas mulheres, chamada **nhanduti**, diz: "As vezes, na sua simplicidade, parece que a renda se formou por si mesma de flocos de espuma branca; outras vezes, parece que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das florestas." Os dicionaristas da língua espanhola escrevem **ñandú**, para a ema, e **ñanduti** para tecido fino ou renda delicada.

Qual a origem do apelido do régulo Nhanduí? aranha ou ema? Alfredo de Carvalho e Luís da Câmara Cascudo preferem "ema-pequena". A meu ver, nhandu generaliza aranha e ema, com o aumentativo **guaçu** e o diminuitivo i, segundo o tamanho. Margrave salienta: **Nhandu guaçu brasi-**

liensibus, Ema lusitania, e Nhandu sive varie araneorum especies. Barlaeus apresenta a aranha caranguejeira com o aumentativo: **Nhanduguaçú, Aranea maxima.** Para Marcgrav, **nhandu** é uma espécie de aranha. A caranguejeira? mas, por que generalizar — aranha e ema? Talvez pelo simples motivo de ambos correrem tanto para a direita como para a esquerda. Matar uma **Loxosceles** é tão difícil como matar uma ema. . .

Há, ainda, o problema ortográfico. Às vezes, a palavra **nhandu**, como também **nhanduí**, são precedidas de um "y". Rolox Baro escreve **Yandhuy**, mas, aqui, o **yan** vale por **ña, nhã** e **jan**, sobretudo este derradeiro, que o holandês transformou em "joão". Pero Lopes de Sousa (**Diário da Navegação**) regista o encontro de portugueses com um silvícola Carandim no Rio da Prata: **e saio a nós hum homem, á borda do rio, coberto com peles, com arco e frecha na mão; e falou-me 2 ou 3 palavras guaranis, e entenderam-nos os línguas, que levava; tornaram-lhes a falar na mesma língua, nam entendeu; senan que era beguosa chanara e que se chamava Ynhandu.** Este antroponimo guarani significa "aranha" ou "ema"?

Affonso de E. Taunay faz referência a um rio de Mato Grosso: **Nhanduy.** Diz ele que na "foz do Pardo e na barra do Nhanduy-Açu havia duas grandes roças com grandes feijoal e bananal. Um pouco abaixo do salto do Cajuro mais dois moradores e na barra do Nhanduy-Mirim mais dois outros." O aumentativo e o diminuitivo parecem relacionar-se com a extensão dos cursos e não com o topônimo, e decorrem das "moções" do século XVIII. Aires do Casal regista também esse rio, deixando claro que se trata de "aranha", o toponimo: **O rio Mondêgo, aliás Embotateteú, originalmente Aranhahy, ou Aranianhy hé caudalozo, e navegavel athé perto de sua origem pouco distante da do Anhanduhy-guaçu.** Confrontados ambos os tópicos de Taunay e Casal conclui-se que as palavras "arnhay" e "aranianhy" ou aranha pequena são traduções portuguesas do tupi "nhanduí". Este vocábulo, no sentido de aranha, era comum no Brasil antigo. Designava rios, lugares e pessoas. Almeida Prado, por exemplo, cita um Francisco **Araduy**, versão de **aranhaí** e **nhanduí**, na Paraíba do Norte dos primeiros tempos coloniais. Em S. Paulo há uma cidade **Arandú**, grafia aportuguesada de **nhandú**, aranha. O cartógrafo J. Teixeira Albernaz regista no Rio Grande do Norte o lugar **Anduraquara**, isto é, buraco da aranha, pois "andura" já procede "arandu" e este de "nhandu". Há muitas corruções. Veja-se este verbete, do **Diccionario** de Orestes Araújo, uruguaio: **"nhandu.** — Cañada el Salto. Nasce de la vertiente septentrional de los Arapeyes y desagua por la izquierda en el Arapey Chico-Según antigos vecinos

de la comarca, no es Ñandu sino Mandú, de un índio así llamado que vivió en sus orillas. Nosotros registramos ambas denominaciones con las salvedades expuestas." Enfim, prefiro a tradução de "aranha" para o régulo dos Tarairijú, o **Nhanduí** ou também **ARANDUY** como vi denominada uma loja de variedades na Calle de Serrano, em Madri.

Eu aceitaria de boa vontade para antropônimo do régulo tapúia a aranha venenosa **Loxosceles**, caseira, incômoda e difícil de ser captada e morta. Entretanto, parece mais óbvia a **nhandu-í II** de Piso, por causa do rosto humano desenhado no dorso. É de grande resistência, normalmente conserva-se imóvel no centro da urdidura de seda, de cabeça para baixo, de modo a usufruir-se da parte inferior do corpo como defesa. Efetivamente, ao ver-se atacada inclina-o para a frente mostrando ao adversário um rosto terrível e belo, qual carapaça lavrada a oiro e prata. São estas as características de um espécimen de tamanho médio por mim estudado ao vivo:

Tamanho do cefalotórax: 1,1/2 cm
Cor da cabeça: plúmbea
Cores do tórax ou Máscara mimética,
conforme a figura 1:

1. Carapaça dourada, com sobrolho e sub-rosto desta mesma cor.
2. Olhos prateados
3. Pálpebras negras.
4. Lábio superior: negro
5. Lábio inferior: negro
6. Apêndice do maxilar (palpos): castanho
7. Tórax, parte superior, prateado

Extraordinário é que, mesmo de cabeça para baixo, na teia, sua posição normal, invariável, parece um silvícola mascarado, de pernas afastadas e braços erguidos lateralmente para o alto. Toca-se na teia, e ela, inclinando o tórax para a frente dá a idéia perfeita de um ser humano.

Desaparecido o régulo Nhanduí, neolítico feroz, no esfumar da **débacle** holandesa, sem deixar rastro, ficou, contudo, o nome. Vem citado em papéis oficiais do século XVII a cabilda de **janduís**. Veja-se este trecho

do registro de uma Petição de sesmaria feita no Ceará, pelos criadores de gado João Pinto, Manoel, e Antônio Alves Corrêa, norte-riograndenses, de 1683; os suplicantes, homens de cabedal, interessados em manter gado **vacum** na capitania cearense,"**romperam os sertõins com grande risco de suaz vidas emuito dispendio de suas fazendas com dádivas que derão ao Gentio Barbaro chamado Gendahina**". Dizia-se também "janduim" ou então "jandoim", no dealbar do século dezessete.

5. — A ema e os amerígenas

Sob o aspecto etnográfico, pode-se especular, aqui, o uso da pluma como adorno. Haja vista Hans Staden, junto aos Tupinambá do sul do país. O lasquenete transformado em marujo reproduziu em sua obra de viagem transatlântica algumas facetas, através de belas xilogravuras. Os silvícolas exibem rodelas presas na parte de trás — **enduap**. Esta palavra é algaravia do tupi **nhandu**, porém ignoro o significado da desinência corruta "ap". Na guerra, o enfeite cobria apenas as nádegas, sem obstaculizar os movimentos; e na festa, comemorativa, como exemplifica uma xilogravura de Gabriel Soares, na Bahia, a "rodela" descia pelas costas de alto a baixo.

O enfeite mais difundido nos livros da época é justamente o de "guerra". Descerpz, em sua obra de costumes universais, apresenta uma gravura — **Le bresilien**, na qual um tupinambá armado de arco mantém nas nádegas o plumaço, tendo estes versos:

L'home du lieu auquel le Bresil croist
Este tel qu'içi à l'oeil il apparoist,
Leur natural exercicie s'applique
Couper Bresil, pour en faire trafique.

Repare-se ao lado de Théodore de Bry com seus documentos inconográficos, sobre idêntico motivo, o subsídio deixado por Jean de Léry. Enfocando os tupinambás do Rio de Janeiro, indica-os como utilizando plumas de ema, presas pela haste central com as pontas encurvadas à maneira de corola. Tal peça, amarrada à cintura por um cordel de algodão, era conhecida como **araroyé**. Nas ilustrações de Hans Staden, o cordel passa pelo ombro, em diagonal. No trecho em que Yves d'Evreux menciona os tupinambás, silvícolas que, segundo Claude d'Abbeville, tinham

por **habitat** as ribeiras do Itapicuru, Mearim e Punaré, diz que a "rodela" era de penas de avestruz(sic), suspensa por corda de algodão vermelho cruzada nas costas. Ao vê-los emplumados na cabeça, e também nos braços e nos rins, afirma d'Evreux, tinha-se a impressão de estar diante de verdadeiros "avestruzes".

Não é absurdo acreditar que os tupis, ou melhor dizendo, os Potiguaras da capitania do Rio Grande do Norte também se ornamentavam à maneira dos Tupinambás maranhense. Gabriel Soares, referindo-lhes a pouca estatura e a habilidade na arte da guerra, nunca erravam o alvo de suas flechas, sublinha: "**cantam, bailam, comem e correm como os Gentios Tupinambás**". Omitiu o enfeite, porém Staden, na gravura do cerco de Igaraçu pelos Tabajaras mostra os silvícolas com rodelas de penas de ema presas nos quadris. Se as tribos vizinhas adotavam-nas, nada mais evidente que o uso se estendia ao Rio Grande, mesmo porque o pássaro gigante era parte saliente da sua fauna.

Distinguem-se por tanto duas sortes de atavios: rodela pequena, de uso exclusivo na guerra, presa às nádegas, e grande, cobrindo as costas, com intuito pacífico, na festa da taba. Sobre a primeira basta examinar a ilustração do capítulo terceiro do livro do Staden, **De modo obsidendi, obseffos opugnandi**, e sobre a última, Gabriel Soares: "**fazem delas** (as plumas de ema) **uma roda de penachos, que pelas suas festas trazem nas costas, que têm em muita estima**". A mesma coisa regista Frei Cristóvão de Lisboa quanto ao Maranhão: "**as penas não servem mais que pera os negros** (tupis) **para porem nas costas quoamdo bebem o vinho**". Negro, para os portugueses, era o silvícola de cor escura, diferente do tapúia, que era pardo. Negro **da terra**, segundo os colonos. Observe-se ainda que, enquanto Gabriel Soares apresenta o enfeite baiano como circular, no Maranhão a peça parece um toucado, de penas curtas, descendo as maiores até os rins, conforme uma gravura de Joachin Du viert, da obra de Yves d'Evreux: **Topimambous** vestidos à francesa, dançando para o **Sieur** de Razilly.

É sabido por intermédio de Staden, o apreço que se tinha às penas de aves. Para o tupinambá, os **seus tesouros são penas, e quem as tem muitas, é rico e quem tem cristais para os lábios e faces, é dos mais ricos.** A pluma da ema, em particular, teve largo emprego inclusive no Uruguai, na Argentina e na Patagônia. É de Pero Lopes de Sousa o testemunho de que os Quirandi ou Carandim do esteiro do Rio da Prata andavam cobertos de peles, traziam consigo uma rede para caçar e conduziam por arma um "**pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sai hua borla de pena**

d'ema grande". No Uruguai as plumas ornamentavam as lanças dos guerreiros e os túmulos dos cemitérios das aldeias.

6. — Petrografia e botânica

Os sertões nordestinos são férteis em desenhos e letreiros rupestres, feitos a tinta, ou a cinzel, cujos sulcos aparecem vez por outra preenchidos com argila corada. Entretanto não desempenham papel essencial os esboços respeitantes à **Struthia rhea**, porque bem raros e na mor parte mutilados. É de notar-se que, além das inscrições amerígenas, simples arabescos e sinais improvisados, sem propósito idiomático, subsistem as modernas de caráter europeu, enigmáticas ou mesmo joco-sérias. Mencionem-se como exemplo ilustrativo duas, uma em Angicos, no Rio Grande do Norte, e a outra no Ceará. Consoante Nestor Lima, há no município norte-riograndense uma coluna rochosa repleta de letras vermelhas, dentre as quais chama a atenção: **D. D. P. T. G. C.** Um espanhol traduziu este letreiro assim: **Dentro desta pedra tem grande cabedal.** Deveria ter dito: **debaixo desta pedra.** Até hoje ninguém atinou com o enígma desta inscrição dos Serrotes Brancos. No Ceará, Serrote Agreste, à margem do rio Banabuiú, o Pe. Francisco Teles descobriu uma porta esculpida na rocha, com fechadura e dobradiça: **"Procura na cabeça".** Este letreiro é uma pilhéria. Significa: **procura no teu devaneio,** porque porta desenhada não se abre.

São raros os desenhos rupestres relativos à ema. Sei apenas de alguns. Em Angicos, na fazenda "Santo Amaro", conforme uma informação do Sr. Jaime Seguier, ao escritor açuense M. Rodrigues de Melo, há uma rocha com nomes, além de **uma Ema desenhada em grandes caracteres.** No Ceará, o Pe. Francisco Teles de Meneses Lima inseriu, em seu livro de curiosidades, de 1806, os seguintes desenhos: a) Sítio "Vaca Morta", à margem do rio Pirangi, **pedras com rastros de ema;** b) No lugar "Sitio", perto do rio Bastiões, nascença do riacho Quoqueteré, **uma gruta com desenho incompleto, de meios braços e meias pernas, e pés de ema;** c) Em Pericoara, na serra do município de Cascavel, uma **rocha com desenho representando ema;** d) No lugar "Buraco", serra do rio Banabuiú, **uma pedra com figura de homem, e pegadas de ema.** Não tenho conhecimento de mais desenhos rupestres, porém é quase certo que existam muitos, nos sertões, ainda não registados por escritores.

Pode-se rastear o pássaro gigante no plano da botânica. Há várias plantas atendendo pelo nome "canela" disso e daquilo, inclusive a **de ema**. Por exemplo: **canela gosmenta**, isto é, "pau-de-quiabo"; **canela-de-velha**, guardando relação indireta com a perna humana; **canela-de-garça**, lembrativa da ave deste nome; e **canela-de-ema**. Esta, releve-se que se trata dos generos **VELÓSIA** e **BARBACÊNIA**. O insigne Carlos Friederick Von Martius examinou no morro do Cascalho, continuação da serra do Ouro Branco, em Minas Gerais, a Velósia, ali existente. É o lírio-arbóreo cujo caule, explica o sábio naturalista, "forte e nu bifurca-se em poucos galhos, terminados em tufos de folhas compridas, muitas vezes, com as queimadas dos campos, carbonizadas na superfície", e portanto, **uma das mais curiosas formas do mundo das plantas.**

A Velósia, de hastes nuas, com suas folhas linear-viscosas, desabrochando no ápice, relembraria os membros locomotores da avestruz brasílica, ou então lhe sobreveio o apelido por causa da presença do pássaro em seu âmbito fitogeográfico.

7. — Toponímia

Provavelmente, muitos sítios outrora apelidados de Ema ou da(s) Ema(s), nos vastos sertões brasileiros, possuem hoje designações diferentes. Seja como for, dos que subsistiram no espaço e no tempo citarei alguns, bastante expressivos, sobretudo pelo fato de tais nomes se escreverem ora em tupi, ora em português, e às vezes, pelo arranjo híbrido. Quando aparecem em tupi podem proporcionar dificuldade à interpretação, visto que, como já ficou demonstrado, **nhandu** tanto pode referir a ema como a aranha. Para conhecer o sentido próprio de um toponimo assim, quando isolado, como **nhandu, inhandu** e **ñandu**, é indispensável que se examine a natureza da coisa nomeada. Sirva de exemplo a cachoeira **Iandu**, do rio Içá (Formiga), no Amazonas. Talvez provenha da imaginação de um migrante nordestino, lembrativo da ema, e no entanto é muito mais provável que se trate de "aranha", imposto pelo silvícola, seja pela presença generalizada do aracnídeo no mato ciliar, seja pelo fato de as águas retalhadas pelas pedras lembrarem teias de aranha.

No estágio a que se prende este ensaio só posso expôr, aqui, pequena lista de topônimos:

1) Ceará: **Riacho da Ema**, tributário do rio Aracatiaçu, município de Itapipoca. **Ema**, distrito do município de Iracema. **Ematuba**, dis-

trito do município de Independência. **Ema**, distrito do município de Quixadá. **Serra da Ema**, perto de Assaré. **Praça da Ema**, a atual rebatizada de "Dr. Antônio Ibiapina", também ex-Praça S. João, na cidade de Sobral.

2) Rio Grande do Norte: **Cocó da Ema**, localidade banhada pelo rio Paraú, município do Açu. **Poço da Ema**, município do Açú. **Tabuleiro das Emas**, entre os rios Cabugi e Espinheiros, município de Serra Negra. **Lagoa da Ema**, município de Areia Branca. **Emas**, cabeços de uma serra no município de Currais Novos. **Lagoa da Ema**, município de Mossoró. **Inhandu**, antigo sítio no município de Extremoz. **Tocaia da Ema**, sítio à margem do rio do Carmo; e **Ema** açude particular, no município de Mossoró. **Ipueira da Ema**, fazenda dos herdeiros de Sinfrônio de Moura, pelo riacho Mundo-Novo, município de Lajes. **Janduwassou** um dos caudais do delta do Açu, também registrado como **Jandupatuba**.

3) Paraíba: **Emas**, cidade interiorana. **Ema**, povoado, no município de Piancó. **Nhandu**, vila, no município de Pombal.

4) Pernambuco: **Riacho das Emas**, no município de Tacaratu.

5) Bahia: **Várzea da Ema**, na localidade de Canudos. **Goela de Ema**, garimpo aurífero de Maravilha, na região de Jacobina, município de Saúde.

6) Minas Gerais: **Itanhandu**, município.

7) S. Paulo: **Cachoeira das Emas**, formada pelo rio Mogi-Guaçu, no município de Pirassununga.

8) Santa Catarina: **Emmas**. Cidade.

OBSERVAÇÕES

Da relação cumpre ressaltar três topônimos amerígenas. **Ematuba** compõe-se de **hemma**, palavra alemã, e **tuba**, o mesmo que **tiba**, tupi, significando "lugar". **Itanhandu** derivaria de uma pedra com aparência de ema, modelada pela natureza. Ocorre entretanto que **itá**, pedra, indica

qualquer coisa dura, compacta, como por exemplo o ferro. Sendo a região ferrífera, talvez o topônimo exprimisse a presença da ave atraída pela abundância desse minério à flor da terra, visto que ela tinha o hábito de engolir fragmentos de ferro. De qualquer modo a lógica favorece o primeiro exemplo: ema de pedra. **Janduwassou**, o mesmo **Nhandu-guaçu**, e **Jandupatuba**, de ema + **pa** + **tuba.** A minha impressão é que a partícula "pa" deriva de **pe**, no sentido direcional: lugar que conduz às emas. O Barão de Studart (**Notas para a História do Ceará**) cita uma índia casada e natural da serra de Ibiapaba, Joana Nhanupatyba.

Outros topônimos merecem rápido comentário. **Goela de ema**, surgiu do costume de se guardar em saquinhos feitos da pele curtida do pescoço da ema o ouro encontrado nas grimpas. Li, e guardei, este curioso anúncio publicado no "Correio do Ceará", de 16.4.75, "Coluna" do jornalista Dorian Sampaio:

> **"Ouro. Ouro. Na Goela da Ema, Jacobina, Bahia, com possibilidades de se obter 30 gramas/tonelada. A Anglo American Corporation associada com a UNIGEO do grupo Antunes Maciel vai investir mais de 50 milhões de cruzeiros.**

Cocó da ema, grafia divulgada por Nestor Lima. Cocó ou Gogó? Em Alagoas, na praia de Pajuçara, existiu o célebre coqueiro **Gogó da Ema.** Mas era assim chamado porque a certa altura do solo ele fazia uma curva em forma de pomo. No caso de **Cocó** a interpretação é difícil. O termo tem semelhança com "totó", o cabelo enrolado na nuca. Antônio Gerônimo de Souza, cantador de Feira, vulgo Cão Dentro, criou esta quadrinha que Leonardo Mota reproduziu:

> **Ela penteia o cabelo,**
> **Faz um cocó, bota fita. . .**
> **Quanto mais lóvo a Medêra,**
> **Mais ela fica bonita!**

No Ceará temos o rio Cocó, 3^{o} 39'S. Nos mapas geográficos de Fr. Gioseppe di Santa Teresa e de Koster, grafam-se respectivamente: **R. Koko** e **R. Coco.** Rio do Coco? ou cocó seria diminutivo de coco, como na forma cocosinho ou cocosito? Os nomes, quer de lugares, quer de animais nativos, quer de pessoas, podem modificar-se ao longo dos anos. Haja vista o que escreveu José Bonifácio de Sousa sobre o patriarca Manuel de Lemos

Almeida, curiosa figura do sertão cearense. De "Papai Lemos", na intimidade, veio o apelido "Papai Emo", o qual mais tarde se transformou em "Papaema". Quanto ao topônimo norte-riograndense, taivez se tratasse primitivamente de cocô da ema, escremento. No entanto há o termo "coró", designando o vigia dos caçadores de ema, que se comunicava soprando um búsio. **Coró da Ema** parece ser mais coerente com os fatos.

8. — Medicina e folclore

No campo da medicina popular, reino animal, a ema concorreu modestamente, pois, segundo os melhores estudiosos do assunto só se conhecem a banha e a moela como medicamentos apropriados à cura da moléstia reumática e do cálculo biliar. Pode dizer-se que, no Nordeste, o remédio mais divulgado foi justamente a banha. Aduz M. Rodrigues de Melo que ela **servia para dores reumáticas, feridas e inchações.**

Não faltam testemunhas a propósito da eficiência do remédio, firmando casos de cura nos sertões de antigamente. O jornalista Manuel Balbino de Barros, potiguar radicado no Recife, conta que, no ano de 1913, sucedeu no Rio Grande do Norte este fato: "uma pessoa de minha família, no município de Taipu, gritou, durante meses, com uma dor numa perna. Conforme diagnóstico da clínica matuta, tratava-se de dor reumática, e logo um charlatão conceituado receitou banha de ema. O medicamento maravilhoso foi encontrado embora com certa dificuldade, lá para os lados de Baixa Verde ou de Lajes. O clínico charlatão acertou. O paciente ficou radicalmente curado, com banha de ema das caatingas do Rio Grande do Norte, embora o avestruz indígena tenha desaparecido das terras nordestinas." A aplicação de banha de ema, especialmente nas junturas doloridas, foi realmente notória no seio das populações interioranas do Nordeste.

Quanto à cura de cálculos já se reportava a **Pharmacopea Ulysiponense**, de João Vigier, de 1766, no Sul do país. Leia-se este tópico de Luís Edmundo: "Para a dissolução dos cálculos biliares prescrevia-se moela de ema. Por quê? ". E explicava: "Por isto: por ter o bucho deste gigante das aves a virtude especial de quebrar pedras. . . " Na verdade a ema engolia e expelia pedras não digeridas e inteiras como observou Guilherme Piso.

A medicina popular não deixa de refletir o senso de curiosidade, imaginação e crença do pseudo esculápio, geralmente nascido no **hinterland**, onde o curandeirismo e a meizinha guardavam reminiscências das panacéias de folhas, raízes e ingredientes oriundos de animais e de pessoas, deixadas pelos ancestrais amerígenas. Jósa Magalhães e Eduardo Campos publicaram excelentes pesquisas a propósito dessa matéria.

Outro capítulo da história da Ema, não menos sugestivo, é o do folclore. Mormente quando se trata do tradicional "Bumba-meu-boi", louvada pela velocidade de sua carreira. No Ceará, estudou-a Florival Seraine, através de um "Boi-Bumbá" representado na fazenda "Extremas", no município de Acaraú. O primeiro animal a entrar em cena, tendo por solista o Vaqueiro, ao qual se junta o coro de mascarados, é a **Struthia rea**, sempre mais respeitada pela sua originalidade. Quando ela cai no círculo, canta o Vaqueiro:

Olha o passo da ema,
Peneiro ê!
Mas ela salta, ela grita
Peneiro ê!

Em Gustavo Barroso, leio:

Olha o passo da ema,
Peneiro ê!
Lá do meu sertão,
Peneiro ê!
Todo pássaro avôa
Peneiro ê!
Só a ema não!
Peneiro ê!

Sobre o "Bumba-meu-boi" de Sobral, no século XIX, transcreveu Dom José Tupinambá da Frota estes versos populares:

Lá vem a ema,
Comendo Juá
Com o bico no chão
Para não instruir.

Adicionem-se ao quadro a música, a poesia e a gíria. Retrata-se a paisagem sertaneja do nordeste, pincelada a cores vivas numa tarde de

crepúsculo: "**A ema gemeu no tronco do juremal**". Na poética alvorotada imprime-se a força equivalente ao calor do meio dia, como recorda M. Rodrigues de Melo na sua transcrição destes versos: "**Grita a Seriema,/ Urra no campo a Ema**", na várzea do Açu. Mas na calma bucólica, sem preocupações maiores, quando se passeia no campo, enamorado da natureza, vem aquela inspiração, em Currais Novos, do poeta Barreto Sobrinho: "**A cada passo um novo quadro;/ as emas correm à frente dos cavalos**".

Não faltam também os "ditos", maneira simples de filosofar, à custa da ema, bem como o gracejo da gíria e os "repentes" de violeiros em desafios. João Guimarães Rosa, o romancista vitorioso de **Sagarana**, põe na boca de um personagem: "**Sou como a ema,/ Que tem penas e não voa. . .**" Para pessoas tristes assim, há sempre um remédio. Embriagar-se. Nas bodegas da vila, em meio à barulheira dos ganzás, ou do repinicado do cavaquinho, em domingos e feriados, nas estradas torciolantes e sem fim, o cambaleio do alcóolatra: "Coitado! **está montado em ema!**" Mas o sertanejo que não bebe, masca o fumo. Pode faltar-lhe tudo, menos a **ema**, a masca de fumo. Eurico Santos (**Da Ema ao Beija-Flor**) transcreve duas quadras, originárias, de um desafio nordestino "nesses bate-bocas poéticos", de repentistas sertanejos", como passo a mostrar:

Vou lhe fazer uma pergunta,
Seu cabeça de urupema
Quero que você me diga
Quantos ovos põe a ema.

— Quantos ovos põe a ema?
A ema nunca põe só:
Põe a mãe e põe a filha
Põe a neta e põe a avó.

Como explica Eurico Santos, as emas iniciam a postura em agosto, "pondo todas em um mesmo minho."

E as lendas? o Pe. Teschauer (**Lenda do Ouro**) trás à tona o pássaro como lume, assombrando os homens das cochilas. Um dos guardas mitológicos das lagoas de pretenso efeito sobrenatural, como depósitos de tesouros, era a "Cobra de fogo", conhecida entre os silvícolas pelo apelido de **Mboi-tatá**. A cobra, "apesar de muito pequena, pertence à família dos **Teyniaguá** das Missões e do carbúnculo e do farol que alumia as regiões

andinas. Percorre ainda hoje em dia as campinas do Brasil e do Rio da Prata mergulhando-se entre cochilas. Segundo a crença vulgar converte-se em **Nhandutatá** ou avestruz de fogo nas regiões que banham o Paraná e o Uruguai. O avestruz de fogo sacodindo as asas no cume duma cochila ou de um cerro acusa a existência de um tesouro ou de mina rica em ouro."

Este passo, sobre a **Nhandu-tatá** sacodindo as asas como prenúncio de existência de ouro talvez guardasse correlação com a Velósia, arbusto comum em Minas Gerais. Efetivamente, consoante a palavra de Martius, os lírios arbóreos Barbacenia e Velósia são "combustível preferido pela sua considerável quantidade de resina, na falta de lenha. Para o povo são sinal característico de riqueza do terreno em ouro e brilhantes." O avestruz flamejante guardaria algum segredo mítico em relação à "Canela-de-ema", vegetal combustível por excelência?

A lenda do ouro, do Pe. Teschauer, leva-me à do avestruz africano, contada por Emil Ludwing. Enquanto o **nhandu** cumpre a missão de alvoroçar as imaginações sôfregas de riquezas, o avestruz sonha em poder conquistar os espaços sem fim: "Dantes — contam os negros — a avestruz voava. Certa noite, porém, combinando com uma abertada um banho no Nilo, para o outro dia, esqueceu-se de acrescentar: "Inschallah!" "Com o favor de Deus!" Quando, na manhã seguinte, voava ao encontro do sol, sofreu o castigo dessa falta de humildade: Allah chamuscou-a de tal modo, que a grande ave, como Ícaro, tombou fulminada no chão. Desde esse dia, a avestruz idealista não tornou a voar." O saudoso Teschauer refere os abantesmas "carbúnculo" e "farol". O primeiro não era novidade no Ceará. O Senador Pompeu, que transcreve, sobre o assunto, o Pe. Teles de Meneses Lima, diz: "Na opinião do autor é um animal, quase como um carneiro, que trás uma pedra brilhante na testa e reflete uma luz tão forte, que se avista de léguas." Com efeito, o padre declarou que o "fogo", talvez idêntico ao "farol" das cochilhas, era visto freqüentemente no Crato, em Quixeramobim e em Baturité, ou seja nd lugar "Saco" da Serra Grande, na fazenda "Macacos", no serrote Tapuiará, na nascença do riacho Quinqueré, na serra do Boqueirão dos Inhamúns. Ainda de acordo com o senador, que transcreve o padre, temos que **este animalzinho mora somente nas grutas e penhascos, e por isso é difícil de colher-se, e com as grandes secas quase todos têm morrido.** Não há dúvida que houve confusão de fenômenos naturais com sobrenaturais. Sei de experiência própria que, às vezes, tais "fogos", pequenos e circulares, que aparecem à margem de estradas sertanejas, no campo livre e nos socavões das serras, não são fogos-fátuos, pois se manifestam sem a dependência de pântanos ou de cemitérios. Seu brilho

transitório só o percebe o indivíduo dotado de mediunidade. O fogo-fátuo, gás inflamado, difere assim substancialmente do fogo sobrenatural, alma penante, e que também nada tem que ver com a teoria falsa da reencarnação universalizada e depois refutada pelo seu próprio autor, Kardek. A meu ver, o **Mboi-tatá**, o **Farol**,o **Carbúnculo** e a **Nhandu-tatá** flamejantes do silvícola derivam de um fato real transformado na sua essência pela necessidade de aplicar-lhe forma corpórea. É o caso por exemplo da lenda do carro só distinguido pelos faróis acesos, que corre, de noite, pelas praias do Retiro Grande, no município do Aracati.

9. — Enfeites e artefatos

Do ponto de vista cultural sabe-se que a ema contribuiu, já na esfera das atividades do Artesanato, com a pluma, a pele e o osso. Ordenam-se como peças de vestiário enfeitadas de pena: a capa, o vestido e o chapéu, e como artefatos, o pífano, o calção, a bolsa e o espanador.

Convém principiar com o testemunho de Martius. Em 1818, por motivo de se comemorar o cerimonial da Aclamação de dom João VI, em Tijuco, no município de Diamantina, Minas Gerais, houve procissão, com músicos constituídos de negros escravos, os quais trajavam capas enfeitadas de penas de ema. Primeiro vinha o estandarte, depois as imagens do Salvador, de Maria Santíssima e de S. Francisco, pintadas de preto; e fechando o préstito, a banda de música de negros com "capinhas vermelhas e roxas, todas rotas, enfeitadas com grandes penas de avestruz."

No Rio Grande do Norte, e naturalmente em outros Estados onde a ave começava a rarear, a arte **plumária** como indústria foi dispendiosa. Vinha do caçador sertanejo ao plumaceiro a matéria prima, esta recebia o indispensável tratamento tintorial e chegava ao comerciante custando muito caro. É o que afirma M. Rodrigues de Melo: tingidas as penas de **lindas e variadas cores e depois vendidas por preços elevadíssimos** na cidade do Natal.

O uso de tais enfeites correspondia ao nível social elevado, pois, de conformidade com o citado autor açuense, as penas serviam sobretudo para **enfeitar chapéus e vestidos de sinhás e sinhazinhas do passado e do atual século**. Presumo que o emprego do penacho em chapéus fosse já uma tradição de longo tempo. Pelo menos entre os militares. Basta consultar

Gandávo, na parte referente à **Rhea americana**, onde se diz: **pennas muy fermosas galantes e que professam a arte militar.**

Não menos significativa era a utilização da "canela" da ema como artefato, no Rio Grande do Norte. Refere-o Veríssimo de Melo. O artista sertanejo de antigamente fazia pífanos de "canela", que assim substituia a folha de flandres e o bambu. Porém o que mais dava lucro era o espanador, de plumas coloridas, empregado nas repartições públicas, nos escritórios, nas lojas, igrejas e escolas. No recesso dos lares mais opulentos, recorda M. Rodrigues de Melo, servia para **espanar os móveis e os santuários.** Eu, por exemplo, nunca me esqueci dos lindos espanadores utilizados no "Colégio Pio X", de João Pessoa, quando ali estudava, em 1929, com meus irmãos. Espanadores, hoje, são feitos de fibras de tucum, pesados, grosseiros e sem o fólego da arte.

Da pele da ema a capacidade criadora do sertanejo fazia bolsas e calções. A confecção de bolsa era bem antiga, como se observa por intermédio de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. No Maranhão, diz ele, a **pele do pescoço e o papo curtido servem para bolsas; em algumas partes do Brasil curtem a pele para calções.** Ignoro qualquer caso relativo a calções nos Estados do Nordeste, mas, se confeccionavam bolsas, decerto também havia peças que tais. Juvenal Lamartine, último Presidente do Estado potiguar da República Velha, faz referência à pele de ema:

"Alcancei, ainda, uma época em que raro era o fazendeiro que não possuísse um saquinho feito de pele curtida do pescoço da ema, e onde guardavam algumas moedas de ouro e prata. É possível que ainda hoje alguma pessoa mais velha ou mais conservadora ainda possua um desses saquinhos que era o seu "pé de meia".

Parodiando a estória do boi, em termo de economia, da ema tudo se aproveitava: a carne, o ovo, a pele, a pluma, a banha, o estômago e a "canela"...

10. — Pequena geografia da ema

Não conheço qualquer referência ao pássaro gigante no Pará e no Amazonas. No Maranhão, já consignava a **Memória** de Estácio da Silveira o rio Monim, cortando **formosíssimas campinas de massapês onde andam**

muitos bandos de ema. Eurico Santos afirma que o dr. Arthur Neiva, em seu livro **Viagem Científica** pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás, deu "notícia da existência de um criador de emas, afundado lá nos confins do Piauí."

Discorrendo acerca de suas pesquisas botânicas, em 1880, pormenoriza George Gardner: à véspera de partir do Icó para o Crato, tendo perdido um dos cavalos, aconteceu aparecer um indivíduo dizendo-lhe que ao procurar um dos seus animais, encontrou outro que combinava com o da descrição por ele dada. Pedro, guia de Gardner, foi buscá-lo à serra do Pereira, e de tarde regressou trazendo-o: "**encontraram-no pastando no meio de um imenso rebanho de emas**". O piloto Manoel Roiz dos Santos sublinhava, em 1779, sobre o morro de Jurucoacoara: "**entra gadovaccum e cavallar a pastarem e também dizem se cria nelle veados, emas e outros animais silvestres**". Antônio Gomes de Freitas, registando a fauna dos Inhamuns, diz: "Assusta, com sua carreira desabalada, o tejuaçu. A muçurana, a jerita, a seriema, a acauã, e a ema, constituem-se os naturais defensores dos rebanhos e da grande população sertaneja, na cata às cobras venenosas."

No município de Açu, conta M. Rodrigues de Melo, a ema era criada nos terreiros, aos casais, vivendo à maneira sossegada das aves domésticas, como o pato, a galinha e o peru. Freqüentava salas e corredores, engolindo **novelos de linha, dedais, nacos de fumo, pedra, cacos de prato, e até agulhas.** Na campina, porém, "mudava" de figura, diz Rodrigues. "Vaqueiros andando pelos matos, vez por outra deparavam Emas enormes, chegando a cansar os cavalos sem podê-las alcançar. Diziam eles que as "emas se evaporavam". Quando os cavalos se aproximavam, elas batiam o esporão nas asas, quebravam o corpo de banda, e corriam em direção oposta. Assim não havia cavalo bom para a ema."

Percorrendo, em 1942, o interior de Goiás e Bahia, pôde observar o engenheiro Gilvrando Simas Pereira, perto do divisor de águas Tocantins-S. Francisco, **bandos de veados e emas, araras e periquitos.**

No século XVII corriam as emas ante os "bandeirantes paulistas. Affonso de Taunay, referindo as "monções" cuiabanas diz: "**Nos campos do Pardo viu o Ouvidor de Cuiabá grandes bandos de ema, como também sucedeu a Lacerda e Almeida em relação a rhea e às perdizes**".

Consoante o testemunho de Martius, as emas, em Minas Gerais, "**pastam juntas em família, galopando ao menor ruído, como cavalgadas, quebrando galhos, por montes e vales, acompanhadas pelos filhos**".

11. — Matar para exportar

O pássaro já não existe em muitas circunscrições geográficas. É uma espécie extinta, principalmente no Rio Grande do Norte. No século passado ainda era criado nas fazendas, como testifica Juvenal Lamartine: "Meu pai, Cel. Clementino de Faria, quando presidente de Serra Negra, na década de 1885 a 1895, fez votar pela Intendência, uma lei municipal proibindo, sob pena de 10 mil réis de multa, a quem matasse uma ema ou abatesse um joazeiro. Durante os anos em que ele ocupou o cargo de presidente da Intendência, a lei foi rigorosamente cumprida, de modo que as emas se multiplicaram sem serem molestadas pelos caçadores. Hoje, não se encontra mais, em todo o território do município, um só exemplar dessa ave que é facilmente domesticada e que podia voltar a ser criada nos cercados onde temos os nossos rebanhos, para limpar os nossos campos de cobras e gafanhotos." A mesma coisa afirmava Rômulo Wanderley: até "começo deste século ela era encontrada, sem dificuldade, nos municípios de Açu, Angicos, Lajes e Baixa Verde, para falar nos mais próximos da Capital." Não existe mais. Salvante a Bahia, o Maranhão, Piauí, Goiás e Mato Grosso, é difícil encontrar um só especimen. Afinal estava certo o Prof. Augusto Ruschi, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ao afirmar, a certa altura de sua conferência na Academia de Ciências, de 27 de outubro de 1971, que no Brasil **caçam desde a ema até o beija-flor**. Quer dizer, o fastígio da espécie passou ao limite da recordação. E o mais curioso é que, no século passado, o Rio Grande do Norte e o Ceará exportaram pena de ema. Sobre o nível de exportação nesse primeiro Estado, nada sei, exceto que um balancete relativo ao porto de Natal, 1871-72, inserto na **História do Rio Grande do Norte**, de Luís da Câmara Cascudo, regista o seguinte:

Gêneros	Valor oficial	Direitos
Penas de ema	**95$200**	**8$568**

No Ceará, o dr. Oswaldo Evandro Carneiro Martins focalizando o assunto, lembrou ao governo a necessidade de se criar no Estado uma

Reserva de flora e fauna: **deve ser mencionado particularmente o caso da ema (Rhea americana), remanescente no Oriá, sem interferir com a pecuária extensiva, que ali se pratica.** Na exposição feita ao Governador, inseriu o seguinte quadro de exportações de pena pelo porto de Fortaleza:

"Exportação de pena de ema"
Ceará
1912-1915

Ano	Quantidade	Valor
1912	695 Kg	4:869$285
1913	410 Kg	2:870$000
1914	628 Kg	4:396$000
1915	726 Kg	5:082$000

Pude constatar, em 1973, que fabricantes de espanadores, em Fortaleza, recebiam, clandestinamente, penas de ema do Maranhão, ao preço de Cr$ 60,00 o quilo.

Até mais ou menos 1954 matava-se a ema, em Canindé, a tiros de espingarda ou de rifle. No princípio do século, caçava-se em todo o vale do Jaguaribe, segundo me informou Alberto Galeno. A maneira de matar variava. Philipp von Luetzelburg, "**Estudo Botânico do Nordeste**", conta como se procedia em Goiás, em 1912: um "mangabeiro", apelido de quem se dedica à extração do látex da mangabeira, querendo prevenir-se contra a vista de algumas avestruzes cobriu-se com folhas de tucum como se fosse uma palmeira, e assim conseguiu aproximar-se, matando, sem dificuldade, duas. Consoante o autor, a carne era "fibrosa e áspera". Só servia de repasto na falta de outra. As plumas eram guardadas em fardos de borracha e remetidas para Salvador, onde eram exportadas para o estrangeiro.

Essa curiosa maneira de caçar a ema diverge assim da dos silvícolas, que se utilizavam do arco, no Brasil. No Uruguai se serviam de "bolandeira", composta de cordas com pedras nas extremidades. Na Argentina também se preferia a bolandeira, hoje com esferas de metal, inseparável do gaúcho, porém a perseguição era feita a cavalo.

Mais impressionante, impiedosa, a caçada às avestruzes na África, como conta Ludwing:

"Allah não a protegeu igualmente contra os beduínos que apanham o pernalto velocíssimo, perseguindo-o a cavalo, sempre aos pares que depois se apartam, seguidos de camelos portadores de água; finalmente, quando o animal acossado perde as forças, o beduíno assenta-lhe uma pancada na cabeça. Depois corta-lhe o pescoço. Por que? A avestruz quase não tem carne; qualquer gazela, mais fácil de abater, dá mais. É que a avestruz tem no corpo de dez a quatorze longas plumas que as mulheres dos pachás brancos gostam de usar como leques. Na realidade, as penas da avestruz se desenvolvem melhor no cativeiro, como a voz de certos pássaros cantadores e de certos poetas. Se, porém, é caçada ferozmente, as suas penas não se devem tingir de sangue; como nos hinos patrióticos a morte não há de aparecer; por isso o caçador introduz prontamente na ferida a unha do longo dedo do animal. Eis o corredor mais veloz do mundo, caído na areia, com os olhos furados, para que a dama se abane, em Saint Moritz, com um leque de plumas. A avestruz tombou por um ganso."

Vimos, assim, um quadro mais ou menos amplo, da **Struthia rhea**, pintado rapidamente. Embora extinta a espécie, seu vulto é lembrado, hoje, através da literatura norte-riograndense, e sobretudo no Brasão holandês, quando outrora ela vagava ao longo dos caudais talando a salsa, ou nas praias procurando o âmbar.

BIBLIOGRAFIA

Affonso de E. Taunay, **História Geral das Bandeiras Paulistas.**

Carlos Studart Filho, **Páginas de História e Pré-História.**

F. A. de Varnhagen, **História Geral do Brasil.**

Rodolfo von Ihering, **Dicionário dos Animais do Brasil.**

Luís da Câmara Cascudo, **Geografia do Brasil Holandês**

Nestor Lima, **Municípios do Rio Grande do Norte.**

George Gardner, **Travels of Brazil.**

Olivério Pinto, **Catálogo das Aves do Brasil.**

M. Rodrigues de Melo, **Várzea do Açú.**

Roberto Southey, **História do Brasil.**

Th. Sampaio, **O Tupi na Geografia Nacional.**

Emil Ludwing, **O Nilo.**

Carlos Teschauer, **A Lenda do Ouro.**

Fr. Vicente do Salvador, **História do Brasil.**

Philipp von Luetzelburg, **Estudo Botânico do Nordeste.**

Antônio Gomes de Freitas, **Inhamuns.**

Florival Seraine, **Reisado no Ceará.**

Fr. Cristóvão de Lisboa, **História dos animais e árvores do Maranhão.**

Pero Lopes de Sousa, **Diário da Navegação.**

Paulino Nogueira, **Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará.**

Fr. Manuel Calado, **O Valoroso Lucideno e Triunfo da Liberdade.**

François Descerpz, **"Recueil de la diversité des habits qui son presente en usaige dans les pays d'Europe, Asie et Illes sauvages, le tout fait après le naturel".**

Miliet de Saint-Adolphe, **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil.**

Fr. Rafael de Jesus, **Castrioto Lusitano.**

Gaspar Barlaeus, **"Rerum Per Octennium in Brasilia".**

Gonçalves Dias, **Dicionário da língua Tupi.**

Gabriel Soares de Sousa, **Tratado Descritivo do Brasil, em 1587.**

Leonadro Mota, **Cantadores.**

Eurico Santos, **Da Ema ao Beija-Flor.**

Theodore de Brey, **"Decima Tertia Pars Historiae Americanae, quae continent exactam et accuratam descriptionem".**

João Guimarães Rosa, **Sagarana.**

Jean de Léry, **"Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Bresil, autrement dite Amerique".**

Johan Hieuhof, **"Gedenkweerdige Brasiliaense Zeen Landt-Reize".**

Simão Estácio da Silveira, **Relação Sumária das cousas do Maranhão.**

Claude d'Abbeville, **História da missão dos R. P. Capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças.**

C. F. von Martius, **Viagem pelo Brasil.**

Eduardo Campos, **Estudos de Folclore Cearense.**

André João Antonil, **Cultura e Opulência do Brasil.**

Dom José Tupinambá da Frota, **História de Sobral.**

Aires do Casal, **Coreografia Brasílica.**

Pero de Magalhães Gandávo, **História da Província de Santa Cruz.**

José Bonifácio de Sousa, **Quixadá de Fazenda a Cidade.**

Guilherme Piso, **História Natural e Médica da Índia Ocidental.**

Jósa Magalhães, **Medicina Popular.**